

**FOLHA ESPÍRITA
FRANCISCO CAIXETA****ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA
OBRAS ASSISTENCIAIS FRANCISCO CAIXETA
ARAXÁ - MG****Janeiro/Fevereiro de 2026 nº126 Ano 21****CENTRO ESPÍRITA FRANCISCO CAIXETA
BIBLIOTECA IRMÃ INEZ
BANCA DO LIVRO ESPÍRITA CHICO XAVIER****Editorial**

Joanna de Ângelis, carinhosamente nos leva a profundas reflexões: “A gratidão filha do amadurecimento psicológico, enriquece de paz e de alegria todo aquele que a cultiva”. Isto nos mostra que devemos caminhar de encontro com o amadurecimento espiritual. Nós que estamos estudando a Doutrina Espírita, essa doutrina que nos traz o consolo prometido por Jesus; já estamos de posse da fonte bendita da verdade. Então, sedentos que estamos desse consolo de Jesus, temos o dever de repartir essa água bendita com todos os nossos irmãos, encarnados e desencarnados. Joanna de Ângelis prossegue dizendo: “Nesses dias de violência e de crueldade, de indiferença pelos valores morais e emocionais relevantes, a gratidão tem um papel significativo a desempenhar, em referência à saúde integral dos seres humanos”. Aqui, ela deixa claro que a gratidão está ligada intimamente com a nossa saúde espiritual e física. Assim, já dizia o poeta romano Juvenal, no século I depois de Cristo: “*Mens sana in corpore sano*” — Mente sã, corpo são. Isto nos mostra que há vários séculos já sabemos que a saúde mental, espiritual, está diretamente ligada a saúde do corpo físico. Atualmente, os seres humanos, vivem em uma constante busca de saúde externa, enquanto sabemos que a nossa saúde está intimamente ligada ao nosso interior, a nossa alma. Joanna de Ângelis, continua: “Vive-se o afã dos prazeres grosseiros e tóxicos sem nenhuma oportunidade para o Espírito, que se é, ante as pressões vigorosas do materialismo que domina a sociedade terrestre”. Portanto, caros leitores, nossa responsabilidade aumenta, pois já somos sabedores de que os bens materiais perecem e que os únicos pertences que nós temos, realmente, são os espirituais. Parafraseando Emmanuel: a única coisa que é nossa, é o que doamos, isto é, o que temos é apenas os créditos das nossas boas ações, mais nada. As nossas atitudes em relação a vida, ao próximo, aos sentimentos que se externam pelos nossos atos e palavras. Joanna de Ângelis assevera, ainda: “A paz de fora inicia-se no cerne de cada ser. Também assim é a gratidão. Ao invés do anseio de recebê-la, tornar-se-lhe o doador espontâneo e curar-se de todas as mazelas, ensejando harmonia generalizada. A vida sem gratidão é estéril e vazia de significado existencial. A gratidão é a assinatura de Deus colocada na Sua obra. Quando se enraíza no sentimento humano logra proporcionar harmonia interna, liberação de conflitos, saúde emocional, por luzir como estrela na imensidão sideral!...” Gratidão!

PAI NOSSO

“Pai nosso...” - Jesus. (Mateus, 6:9)

A grandeza da prece dominical nunca será devidamente compreendida por nós que lhe recebemos as lições divinas.

Cada palavra, dentro dela, tem a fulguração de sublime luz.

De início, o Mestre Divino lança-lhe os fundamentos em Deus, ensinando que o Supremo Doador da Vida deve constituir, para nós todos, o princípio e a finalidade de nossas tarefas.

É necessário começar e continuar em Deus, associando nossos impulsos ao plano divino, a fim de que nosso trabalho não se perca no movimento ruinoso ou inútil.

O Espírito Universal do Pai de presidir-nos o mais humilde esforço, na ação de pensar e falar, ensinar e fazer.

Em seguida, com um simples pronome possessivo, o Mestre exalta a comunidade.

Depois de Deus, a Humanidade será o tema fundamental de nossas vidas.

Compreenderemos as necessidades e as aflições, os males e as lutas de todos os que nos cercam ou estaremos segregados no egoísmo primitivista.

Todos os triunfos e fracassos que iluminam e obscurecem a Terra pertencem-nos, de algum modo.

Os soluços de um hemisfério repercutem no outro.

A dor do vizinho é uma advertência para a nossa casa.

O erro de um irmão, examinado nos fundamentos, é igualmente nosso, porque somos componentes imperfeitos de uma sociedade menos perfeita, gerando causas perigosas e, por isso, tragédias e falhas dos outros afetam-nos por dentro.

Quando entendemos semelhante realidade, o império do “eu” passa a incorporar-se por célula bendita à vida santificante.

Sem amor a Deus e à Humanidade, não estamos suficientemente seguros na oração.

Pai nosso... — disse Jesus para começar. Pai do Universo... Nosso mundo...

Sem nos associarmos aos propósitos do Pai, na pequenina tarefa que nos foi permitido executar, nossa prece será, muitas vezes, simples repetição do “eu quero”, invariavelmente cheio de desejos, mas quase sempre vazio de sensatez e de amor.

Emmanuel — Item 77 — Fonte Viva — Chico Xavier

VEJA NESTA EDIÇÃOAmor - p.2
Uma reflexão - p.3Um olhar espírita sobre a
inveja - p.4
Cumprir a lei... - p.7

AMOR

Por Carlos Humberto Martins

“O amor resume a doutrina de Jesus toda inteira, visto que esse é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso feito. Em sua origem, o homem só tem instintos; quando mais avançado e corrompido, só tem sensações; quando instruído e depurado, tem sentimentos. E o ponto delicado do sentimento é o amor, não o amor no sentido vulgar do termo, mas esse sol interior que condensa e reúne em seu ardente foco todas as aspirações e todas as revelações sobre-humanas. A lei de amor substitui a personalidade pela fusão dos seres; extingue as misérias sociais, ama com amplo amor os seus irmãos em sofrimento!...”¹

Estamos ainda no estágio de Espíritos Imperfeitos, segundo a escala espírita que consta em *O Livro dos Espíritos* (100-113), por isso carregamos todos os nossos defeitos e erros que cometemos ao longo de nossas existências. Jesus sabendo disso, desde que se comprometeu com o nosso orbe espera pacientemente a nossa evolução.

Sabemos através do livro *A Caminho da Luz*, psicografia de Francisco Cândido Xavier,

pelo Espírito Emmanuel, no cap. I, que a aproximadamente 4,5 bilhões de anos o Espírito Jesus participou de uma grande reunião com Espíritos Celestes e ficou definido que Ele seria o Governador do novo planeta que seria formado, que seria a nossa Terra.

Só para termos uma ideia, Jesus naquele tempo já era Espírito Perfeito. Portanto, Ele teve toda a paciência para trabalhar e esperar a formação do planeta, para depois da formação aguardar mais alguns bilhões de anos para então iniciar o processo de habitação do planeta. Esta paciência não podemos deixar de dizer, que na realidade, foi amor e muito trabalho.

Por amor a todos nós, Jesus enviou Moisés que trouxe as Leis Divinas, ou seja, os Dez Mandamentos. Mais tarde nos manda vários profetas para nos avisar sobre as leis que deveríamos cumpri-las, mas não foi suficiente, continuávamos ainda muito atrasados.

Após uma nova reunião realizada entre os Espíritos Celestes, ficou definido que Jesus encarnaria entre nós. Então, veio em Pessoa nos ensinar a Amar. Amou até dar a Sua própria vida.

Jesus sabia que boa parte da humanidade, encarnada e desencarnada que pertencem este orbe, não iria aceitar Seus ensinamentos.

Após Sua crucificação, continuou com muito amor a todos nós, aguardando e trabalhando, até hoje, nosso progresso. Disse que “nenhuma ovelha do Pai seria perdida”, sabe que somos ainda muito infantis e que a nossa evolução é muito lenta.

O amor do Cristo perseverou, e aguardou ainda muitos séculos para então cumprir mais uma de suas promessas.

O Consolador prometido, veio em 1857, por meio de Allan

Kardec, Jesus envia novamente sua Doutrina Consoladora.

“Venho, como outrora aos transviados filho de Israel, trazer-vos a verdade e dissipar as trevas, Escutai-me. O Espiritismo, como fez antigamente a minha palavra, tem de lembrar aos incrédulos que acima deles reina a imutável verdade: o Deus bom o Deus grande, que faz germinem as plantas e se levantem as ondas. Revelei a doutrina divina. Como um ceifeiro, reuni em feixes o bem esparso no seio da Humanidade e disse: ‘Vinde a mim, todos vós que sofreis’.”² E o amor Dele continua firme, quando achamos que o planeta Terra está a deriva, Jesus está no comando, com toda Sua sabedoria divina. E nós quando iremos verdadeiramente aceitar Seus ensinamentos de amor, fraternidade, paciência, perdão, e tantos outros exemplos de vida que Ele nos deu?

Será que necessitaremos de mais tragédias em nossas vidas para entendermos que somos Espíritos imortais e que precisamos de “Amarmos uns aos outros como Ele nos amou”. Fica a questão: Até quando eu ficarei morno aos exemplos e ensinamentos de Jesus e não os vivenciarei?

Que Jesus nos ampare com Seu amor incondicional, para que possamos verdadeiramente aceitar os ensinamentos de Seu Evangelho e fazermos a regeneração.

“Se Jesus não tivesse confiança na regeneração dos homens e no aprimoramento do mundo, naturalmente, não teria vindo ao encontro das criaturas e nem teria jornadaado nos escuros caminhos da Terra”³.

¹KARDEC A. *O evangelho segundo o espiritismo* – Cap. XI – Item 08.

² — CAP. VI – item 05.

³XAVIER, F. C. *Coragem* – Cap. 29 – Jesus e o Mundo. Espírito Emmanuel.



Folha Espírita Francisco Caixeta

Editado pela

Associação Espírita
Obras Assistenciais “Francisco Caixeta”

Grupo Editorial

Carlos Humberto Martins
Fábio Augusto Martins
Livia Cristina Martins

Todos colaboram gratuitamente.

Rua Cônego Cassiano, 802
38183-122 Centro Araxá-MG

Impressão:
Grupo editorial
Tiragem: Digital

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Uma reflexão

Por Livia Cristina Martins

Allan Kardec — o insigne fundador da Doutrina Espírita — formulou *O Livro dos Espíritos*, subdividindo em quatro partes, as quais ele denominou de livros. A 1ª parte, o primeiro livro, trata das “Causas Primárias” — segue da questão 01 à 75. A 2ª parte, o segundo livro, trata do “Mundo Espírita” — que vai da questão 76 à 613. A 3ª parte, o terceiro livro, fala das “Leis Morais” — que segue da questão 614 à 919. Por último, a 4ª parte, o quarto livro, que encerra sobre “Esperanças e Consolações”



**É necessário:
Ler Kardec!
Estudar Kardec!
Sentir Kardec!
Viver Kardec!**

ATIVIDADES DO CENTRO ESPÍRITA “FRANCISCO CAIXETA”

Rua Cônego Cassiano, 802
38183-122 Centro Araxá/MG

Segunda-feira, às 19h30

Reunião presencial, aberta ao público
O Livro dos Espíritos / Passe

Terça-feira, às 19h30

Reunião presencial, aberta ao público
O Livro dos Médiuns e O Evangelho Segundo o Espiritismo / Passe

Quinta-feira, às 19h30

Reunião presencial fechada ao público
Reunião mediúnica

Sexta-feira, às 19h30

Reunião presencial, aberta ao público
O Evangelho Segundo o Espiritismo/Passe
Evangelização da criança

Domingo, às 18h

Reunião aberta ao público
Grupos de Estudos da Doutrina
Obras de André Luiz

Biblioteca Irmã Inez

Terça-feira e Sexta-feira, às 19h30

Sala de Costura Arisa Rodrigues de Oliveira
Segunda-feira, às 13h30

Casa da Sopa Vovó Brígida
Quarta-feira, às 11h

R. Augusto Flávio da Silva, 87 - Vila Estância

•Salve o trabalho, viva o amor!•
Zequinha Ramos

— da questão 920 à 1019. É bom lembrar que não há a questão 1011, por erro gráfico no original. Portanto, são 1018 questões, no total. Algumas traduções modificaram, outras mantiveram como no original, o que nos parece mais coerente.

Como vimos, depois de Kardec refletir sobre as “Causas Primárias”, em seguida discorre sobre o “Mundo Espírita — a comunicabilidade com os Espíritos, e a influência dos Espíritos. Só então, depois de descortinar as velhas indagações, que sempre foi alvo de curiosidade da Humanidade, “De onde eu vim?” “Para onde vou?” “Quem sou?” Só aí, depois de explicar a lei da reencarnação, ele nos esclarece sobre as “Leis Morais”. Porque só compreendendo a imortalidade da alma, a continuidade da vida além tûmulo, é que temos condições de entendermos realmente que há um novo conceito de entendimento das Leis Morais.

Vamos ver a importância da conduta das criaturas no entendimento das consequências desta Lei. Esta compreensão, nos remete automaticamente a sermos mais responsáveis com os nossos atos, nossas atitudes, nossas falas e nossos pensamentos. Isto faz toda a diferença na nossa transformação moral, na saída do velho homem, para o Homem novo, renovado nas posturas e pensamentos.

Na questão 614, Kardec pergunta aos Espíritos: “Que se deve entender por Lei Natural?” E os imortais responderam: “A lei natural é a Lei de

Deus. É a única verdadeira para a felicidade do homem. Indica-lhe o que deve fazer ou deixar de fazer e ele só é infeliz quando dela se afasta.” É um estado interior, que somente quem a pratica será feliz. E ensina o que fazer e o que não fazer. É simples e clara, assim como a mensagem de Jesus, que é sempre positiva: “Amai o vosso próximo”; “Amai os vossos inimigos”. E Jesus foi além, foi misericordioso, quando disse: “Vinde a mim todos que se acharem sobrecarregados que Eu vos aliviarei. Porque comigo, o fardo é leve e suave”. A Lei de Deus é imutável e vale para todas as épocas.

Ela está na nossa consciência. A medida que as leis humanas vão se aproximando da Lei Divina, a sociedade vai evoluindo automaticamente no âmbito coletivo e individual. A Lei Divina é de dentro para fora; é a vivência na prática incansável do bem, do amor e da paz. Por meio do conhecimento, do estudo e da prática do Evangelho de Jesus, conseguiremos buscar a nossa transformação moral. O Espiritismo, essa Doutrina Consoladora, veio para nortear o caminho para chegarmos até Jesus. Ela nos proporciona a oportunidade de fazer diferente, de evoluir mais rápido. Portanto, a escolha é nossa. Kardec nos auxiliou com a sua obra grandiosa, facilitou o entendimento da Lei Divina; agora cabe a cada um de nós seguir o caminho que nos leva a Jesus.

Banca do Livro Espírita “Chico Xavier”

Segunda à sexta - 10h às 14h
Sábados - 10h às 12h
Av. Antônio Carlos s/n.
Araxá/MG

Siga a Folha

<https://x.com/home>

@FolhaCaixeta



UM OLHAR ESPÍRITA SOBRE A INVEJA

Por Lindberg R. Garcia

“A inveja vê sempre tudo com lentes de aumento que transformam pequenas coisas em grandiosas, anões em gigantes, indícios em certezas” (Miguel de Cervantes – 1547 a 1616 – romancista, dramaturgo autor de *Dom Quixote*).

“Ninguém é realmente digno de inveja, e tantos são dignos de lástima!” (Arthur Schopenhauer – 1788 a 1860 – filósofo alemão).

“De todas as características que são vulgares na natureza humana a inveja é a mais desgraçada; o invejoso não só deseja provocar o infortúnio e o provoca sempre que o pode fazer impunemente, como também se torna infeliz por causa da inveja” (Bertrand Russell – 1872 a 1970 – filósofo, político liberal e escritor inglês).

Certa ocasião em que me encontrava em uma das movimentadas avenidas da Capital mineira, a belíssima Belo Horizonte das Minas Gerais, enquanto aguardava a abertura do sinal de trânsito para pedestres, me chamou a atenção um belíssimo automóvel que se destacava dos demais que seguiam o pachorrento fluxo de veículos das seis da tarde. Impossível deixar de admirar aquela imponente Ferrari vermelha que se destacava dentre os demais veículos naquele trânsito tumultuado. Notei que dois jovens próximos a mim também pareciam admirar aquela máquina do mais belo e avançado designer italiano. Pela pouca distância que nos separava não pude deixar de ouvir o diálogo entre eles.

Disse um deles:

– Que máquina fantástica, seu proprietário deve ter

trabalhado muito para poder adquiri-la, não é mesmo?

Ao que o outro respondeu incisivo:

– Que nada, seu proprietário deve ter roubado muito para compra-la, isso sim meu amigo, pode ter certeza disso.

Não continuei a ouvir o diálogo entre eles, pois, o sinal abriu e seguimos rumos diferentes. Ficou-me a curiosidade, como duas pessoas podem nutrir sentimentos tão díspares como os que acabara de presenciar. Uma, expressava admiração desinteressada, a outra, um notado menosprezo desairoso. Como compreender posicionamentos tão conflitantes entre si?

Todavia, é preciso deixar claro que o nosso objetivo em relatar tal fato não tem o intuito de criticar a quem quer que seja, mas sobretudo, nos servir de exemplo para não sermos a palmatória do mundo e, entendermos que devemos adquirir as qualidades opostas aos defeitos que criticamos em outrem. (vide Q. 903 – *O Livro dos Espíritos*).

No caso ora mencionado, o jovem que contrapõe a observação do amigo com uma afirmação hipotética de desonestidade ao proprietário daquele belo automóvel, quer se nos parecer estarmos diante de um caso de insinuante inveja.

Mas o que vem mesmo a ser a inveja? Será que somos todos invejosos e nem ao menos notamos tal comoção? Há gradação para esse sentimento, ou existem pessoas que jamais vivenciaram esse desprezo?

A psicóloga Sueli Damerigian, professora da Universidade de São Paulo (USP), acredita que o segredo está em não

ultrapassar a linha da afeição. “A inveja é sempre fruto da admiração”, e conclui; “Se ela ficar restrita a isso, pode funcionar como impulso para o desenvolvimento.” O problema é quando essa barreira é rompida. “Se o impulso destrutivo for muito forte, o invejoso passa a viver a vida do outro e isso pode ser danoso tanto para ele quanto para o invejado.” Em casos patológicos, segundo especialistas, são mais comuns do que se imagina, pois, quem sofre do mal é capaz de caluniar, perseguir, e, em casos extremos, desejar a morte do invejado. Há também os que a somatizam. Nessas situações, podem apresentar quadro depressivo autodestrutivo, agressividade e até mesmo tendências suicidas.

A *inveja*, é um dos mais controversos sentimentos que o ser humano carrega desde a sua ancestralidade. Relatos desse mal vêm desde os tempos bíblicos, como o fratricídio de Abel por Caim por ciúmes e inveja do irmão receber mais atenção e valorização por parte dos pais. Aliás, nós vamos encontrar na Bíblia (Provérbios, 14: 30) um belo ensinamento para nos precavermos dessa comisseração: *“O coração em paz dá vida ao corpo, mas a inveja apodrece os ossos”*.

Mas o que vem a ser esse sentimento mezinho da inveja? Se consultarmos o *Michaelis* nós vamos encontrar que inveja é um substantivo feminino; 1 – sentimento de ódio, desgosto ou pesar provocado pelo bem-estar ou pela prosperidade, ou felicidade de outrem; 2 – desejo muito forte de possuir ou desfrutar de algum bem possuído ou desfrutado por outra pessoa; e ainda, avidez, cobiça, cupidez.

Continua...

Etimologicamente a palavra “inveja” é formada pelos étimos latinos “in” (dentro de) mais “videre” (olhar), ou seja, um sentimento que sói ocorrer na maioria das vezes a um olhar mau que interpenetra outro. Daí as proverbiais expressões tais como olho gordo, olhar que mata plantas, olhar que seca pimenteira, por quebranto em uma pessoa, e por aí vai.

Com referência aos dísticos, ora mencionados, o saudoso Divaldo Franco observa que: *“Naturalmente a Doutrina Espírita examina a problemática do ponto de vista dos fenômenos anímicos. O denominado mau-olhado, nada mais é do que uma intensa vibração mental de alguém que é dominado por sentimentos inferiores – a inveja, a competitividade – e ao descarregar esta onda de sentimentos negativos e vibrações perversas, muitas vezes atinge aquele contra o qual é dirigido esse pensamento perturbador. E o atinge porque o outro se encontra numa faixa vibratória equivalente, e através do fenômeno da sintonia capta aquela descarga perturbadora”*. Há de se concluir, pois, que a pessoa equilibrada, de mente sadia, está plenamente protegida de tais malefícios.

Mas o que diz a psicanálise sobre a vivência da inveja? A psicanalista austríaca Melanie Klein ((1882 a 1960), definiu na obra *“Inveja e Gratidão”*, o comportamento de quem vive intensamente esse sentimento, definindo a inveja como sendo uma comoção de raiva que outra pessoa possui e desfruta de algo desejável, frequentemente acompanhado por um impulso de tirá-lo ou estragá-lo. Na obra anteriormente citada, ela usa de uma fábula para falar sobre

o comportamento patológicos graves da inveja que tende a ocorrer.

Narra ela: “Certa vez, um homem, extremamente invejoso de seu vizinho, recebeu a visita de uma fada, que lhe ofereceu a chance de realizar um único desejo.

– Você pode pedir o que quiser, desde que seu vizinho receba o mesmo e em dobro; sentenciou a fada.

O invejoso, de imediato, e impulsivamente então respondeu.

– Quero que lhe arranque um olho.

Moral da história: o prazer de ver o outro se prejudicar prevaleceu sobre qualquer vontade”.

Melanie Klein define a inveja como sendo um “sentimento de cólera que o sujeito experimenta quando percebe que o outro possui um objeto desejável, sendo sua reação apropriar-se dele ou destruí-lo”. Por sua vez, Hidehiko Takahashi, do *Instituto Nacional de Ciência Radiológica*, em Tóquio, em estudo desenvolvido pelo referido instituto, explica que a inveja é: “Quando a sua Conquista é a minha Dor e a sua Dor É a minha Conquista”, e complementa: “O invejoso fica realizado com a desgraça do invejado”.

Ao mesmo tempo que o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. Em casos patológicos, que, segundo especialistas, são mais comuns do que se imagina, quem sofre do mal é capaz de caluniar, perseguir, e, em casos mais extremos, desejar a morte do invejado. Há, também, os que somatizam. Nessas situações, podem apresentar quadro depressivo auto

destrutivo, agressividade e tendências suicidas”.

Mas, como nasce a inveja? Segundo a psicanalista Klein, “a inveja é uma emoção muito arcaica que remonta ao nascimento, no sentimento de frustração que surge no momento em que as necessidades não são atendidas. O desejo de destruição existe para eliminar os parâmetros de comparação e se manifesta pela negação: “Eu não queria mesmo...”, ou “Nem reparei que você tingiu o cabelo”. “Neste caso há uma tendência a destruir o objeto de forma subjetiva. Por não existir a possibilidade de destruir o objeto que incomoda de forma objetiva, o invejoso o faz de forma subjetiva, desviando o olhar daquilo que tanto o incomoda”, ou ainda pela racionalização: “Claro que ela tirou notas boas. Passou a noite inteira estudando. Não fez mais do que obrigação. Nestas circunstâncias, a tendência é minimizar os méritos do outro, simplificando o processo e banalizando os méritos”. Explica a eminente psicanalista que; “Outra forma de manifestação muito presente nos diversos contextos, é a tendência de algum indivíduo se colocar na posição de objeto de inveja; em geral, têm ele dificuldades em reconhecer suas limitações, passando a viver em um mundo imaginário de superioridade. Estas pessoas acreditam que o outro o persegue, uma vez que não consegue lidar com sua pouca habilidade de solucionar conflitos, e adaptar-se aos novos contextos”.

Fica a pergunta que não quer calar, por que há pessoas notadamente invejosas,

ao passo que outras passam a vida quase sem sentir tal emoção? A inveja é uma emoção inerente à condição humana e uma das mais difíceis de ser admitida. Afinal, qual de nós, em algum momento da vida não sentiu vontade de ser como alguém, ou ainda possuir algum bem? Matéria publicada na Revista *Isto É* (03/06/2009), traz um comentário (Carlos Miguel – Centro Espírita Caridade por Amor – CECA, cidade do Porto, em Portugal), muito próprio sobre esse sentimento de inveja, que tomamos a liberdade de transcrevê-lo: “A inveja é uma das emoções mais antigas e também uma das mais devastadoras que a humanidade conheceu. Ela esteve na origem de conflitos tremendos, ódios sangrentos, assassinios cruéis e injustiças que a história não conseguiu apagar. Sentir inveja é algo tão pernicioso que raros são aqueles que ousam confessar que a sentem, nem mesmo para si mesmos”. A psicóloga Sueli Damergian, professora da Universidade de São Paulo (USP), acredita que o segredo está em não ultrapassar a linha da afeição. “A inveja é sempre fruto da admiração”, diz. “Se ela ficar restrita a isso, pode funcionar como impulso para o desenvolvimento.” O problema é quando essa barreira é rompida. “Se o impulso destrutivo for muito forte, o invejoso passa a viver a vida do outro e isso pode ser danoso tanto para ele quanto para o invejado.” Portanto, sem a menor sombra de dúvida, pode-se afirmar que a inveja, na maioria das vezes, está tão incrustada no psiquismo da pessoa que nem ela mesma percebe a sua nefasta dominação. Como anotado anteriormente, o invejoso não se reconhece como tal, jamais admite ser portador

desse sentimento que lhe corrói a alma, lhe acentua o egoísmo, e, por fim o imola nas aras sacrificiais do orgulho. Como bem expressara Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844 - 1890): *“O que anda em redor da chama da inveja, acaba qual escorpião, por voltar contra si mesmo o aguilhão envenenado”*.

Mas o que diz a Doutrina Espírita, sobre esse sentimento inerente do ser inteligente? Nós vamos encontrar em “A Gênese”, da codificação da Doutrina Espírita (Cap. XIV), “que os fluidos espirituais, um dos estados do fluido cósmico universal, são a bem dizer, a atmosfera dos seres espirituais. Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais empregando o pensamento e a vontade, imprimindo-lhes tal ou qual direção combinando-os segundo certas leis, no grande laboratório espiritual. Sendo esses fluidos o veículo do pensamento, do ponto de vista moral, trazem eles o cunho do sentimento de ódio, de inveja, de ciúme, de orgulho, de egoísmo, de hipocrisia, mas também de bondade, de benevolência, de amor, de caridade, de doçura e muitos outros. Sob o aspecto físico, são excitantes, calmantes, penetrantes, adstringentes, irritantes, dulcificantes, soporíficos, narcóticos, tóxicos, reparadores, expulsivos; tornam-se forças de transmissão, de propulsão etc. O quadro dos fluidos seria, pois, o de todas as paixões, das virtudes e dos vícios da Humanidade e das propriedades da matéria, correspondentes aos efeitos que produzem”.

Em *O Livro dos Espíritos* – Parte Terceira, Cap. XII, nós vamos encontrar a explicação deste quadro dado pelo seu codificador Allan Kardec: “As

paixões são alavancas que duplicam as forças do homem e o auxiliam na execução dos desígnios da Providência, Mas se em vez de as dirigir, deixa que elas o dirijam, cai o homem nos excessos e a própria força que, manejada pelas suas mãos, poderia produzir o bem, contra ele se volta e o esmaga. (...) A paixão propriamente dita é a exageração de uma necessidade ou de um sentimento. Está no excesso e não na causa e esse excesso se torna um mal, quando tem por consequência um mal qualquer.”

O comentário de Kardec, nos permite entender claramente que são os excessos que levam a inveja ser a irmã siamesa do ódio, filha diletta do orgulho que lhe deu por herança a cobiça. Não devemos nos esquecer que os Benfeitores espirituais em inquirições levadas a efeito pelo codificador, em “*O Livro dos Espíritos*”, a citam várias vezes em suas respostas como um sentimento inferior da alma humana. Sendo esse um sentimento próprio do estágio da atual fase da Humanidade terrestre, é preciso envidar esforços para nos livrarmos dessas mazelas que retardam o progresso moral do espírito. Acorde à Doutrina Espírita, o psiquiatra José Thomé, da Associação Brasileira de Psiquiatria acredita que, “salvo os casos patológicos, *as pessoas têm livre-arbítrio para viver ou eliminar a inveja*. É um sentimento muito primitivo, que deve ser trabalhado”, e conclui “pessoas bem resolvidas e esclarecidas tendem a ter menos inveja.” Dr. Jorge Andrea, no livro “*Contexto Espiritual nos Processos Mediúnicos e Obsessivos*”, alerta que: “*Pensamentos, emoções e*

Continua...



sentimentos harmoniosos contribuem para manutenção do equilíbrio e saúde física, mental e espiritual do ser humano. O contrário gera profundas disfunções e distonias causadoras de desequilíbrios, doenças e enfermidades, reversíveis ou irreversíveis, podendo contribuir significativamente para a instalação de um processo auto ou hetero obsessivo.”

Uma breve pesquisa em *O Livro dos Espíritos*, em sua “Parte Terceira - Das Leis Morais”, nas questões 913 a 917,

e respectiva respostas, dada pelos Espíritos instrutores, nos permite entender com facilidade que a inveja é derivada daquilo que é considerado como o vício mais radical, o egoísmo, verdadeira chaga da sociedade. As referidas questões, nos oferecem vasto material, não só para a nossa reflexão, mas sobretudo de como podemos extirpar os sentimentos menores incrustados em nosso psiquismo. Portanto, de acordo com os postulados da Doutrina Espírita, há de se afirmar, repi-

to, *a inveja é a irmã siamesa do ódio, filha dileta do orgulho que lhe deu por herança a cobra*. Finalmente, “Não nos deixemos levar pelo desejo de uma vã glória, não nos firamos mutuamente, não sejamos invejosos uns dos outros; antes sejamos benfazejos e caridosos, perdendo uns aos outros, como Deus nos perdoou” (Gálatas, 5:26; Efésios, 4:32)

Graças a Deus!

CUMPRIR A LEI É VIVER O AMOR: A PLENITUDE DA LEI DIVINA À LUZ DO ESPIRITISMO

Por Fábio Augusto Martins

“Não penseis que eu tenha vindo destruir a lei ou os profetas: não os vim destruir, mas cumprí-los - portanto, em verdade vos digo que o céu e a Terra não passarão, sem que tudo o que se acha na lei esteja perfeitamente cumprido, enquanto reste um único iota e um único ponto” (Mateus 5:17 e 18).

A afirmação de Jesus, supracitada, revela, sob a ótica de Allan Kardec, um dos pilares da compreensão espírita do Cristianismo: a continuidade e o aperfeiçoamento da Lei Divina.

Para o Espiritismo, Cristo não veio revogar a Lei de Deus revelada a Moisés, mas dar-lhe pleno sentido moral e espiritual. A chamada Lei Antiga, expressa nos Dez Mandamentos, contém princípios eternos e universais. O que Jesus transforma não é a essência da Lei, mas sua interpretação. Ele desloca o foco da norma exterior para a consciência interior;

da obediência formal para a vivência do amor. Kardec esclarece-nos, que “na lei mosaica, há duas partes distintas: a lei de Deus, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, decretada por Moisés. Uma é invariável; a outra, apropriada aos costumes e ao caráter do povo, se modifica com o tempo”. No que tange a lei de Deus, Jesus “veio cumprí-la, isto é, desenvolvê-la, dar-lhe o verdadeiro sentido e adaptá-la ao grau de adiantamento dos homens”, comenta o insigne fundador do Espiritismo. Quanto à lei civil, muito pelo contrário, “Ele as modificou profundamente, quer na substância, quer na forma”.

Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, obra fundamental da Doutrina Espírita, compreende-se que a Lei Divina é imutável porque procede de Deus, mas sua compreensão evolui à medida que a humanidade progride. Assim, Cristo representa o momento de transição da Lei de Justiça — “olho por olho” — para a Lei de Amor, Misericórdia e Perdão. Não há destruição, há plenitude.

Cumprir a Lei, portanto, significa vivê-la em sua essência. Jesus sintetiza todos os mandamentos em “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo” e acrescentando: aí estão a lei toda e os profetas”. Para o Espiritismo, essa síntese é a chave da evolução espiritual. A verdadeira fidelidade à Lei não está nos rituais, mas na transformação moral do indivíduo.

A Doutrina Espírita ensina que a Humanidade progride em três grandes revelações que Deus nos proporcionou por misericórdia: a primeira, com Moisés, que trouxe a Lei, o Deus único; a segunda, com Jesus, que trouxe o Amor; e a terceira, com o Espiritismo, que traz o Consolador, outrora prometido, esclarecendo e explicando os ensinamentos do Cristo, à luz da razão e da imortalidade da alma. A primeira, teve em Moisés a sua personificação: em o Antigo Testamento. A segunda, teve-a em Jesus: em o Novo Testamento. Já a terceira, não teve personificação individual, pois não foi fruto de um homem apenas, mas pelos Espíritos. *Continua...*

PROGRAMA ESPÍRITA ENTRE A TERRA E O CÉU

Aos domingos, às 8h, pelas ondas da
Rádio Imbiara de Araxá, 91,5 FM
e pela internet
www.radioimbiara.com.br



Assim, a terceira revelação não anula as anteriores, mas as amplia e esclarece, seguindo o mesmo princípio: não destruir, mas cumprir e aperfeiçoar. Conforme a assertiva de Allan Kardec: “O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. (...) O Espiritismo é a chave com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil”.

Sob essa perspectiva, a frase de Jesus, “Não vim destruir a lei, mas cumpri-la”, revela também a pedagogia divina. A Lei acompanha o grau de maturidade espiritual da Humanidade. Quando o homem ainda se encontrava preso à materialidade e à violência, a Lei se apresentava sob forma mais rígida. Com o advento do Cristo, a Humanidade foi chamada a compreender que o verdadeiro cumprimento da Lei se dá no coração.

À luz dos ensinamentos de Emmanuel, benfeitor espiritual que se manifestou por meio da mediunidade de Chico Xavier, essa afirmação ganha ainda maior profundidade moral. Parafraseando Emmanuel, Jesus não veio suprimir as bases da Lei Divina, mas vivenciá-la integralmente, oferecendo à Humanidade o exemplo perfeito de obediência consciente ao Pai. Para ele, o Cristo é a Lei em ação, a Justiça iluminada pela Misericórdia.

Nas obras psicografadas por Chico Xavier, Emmanuel enfatiza que o cumprimento da Lei não se resume à observância externa dos mandamentos, mas exige disciplina interior, renúncia e fidelidade aos desígnios superiores. Cumprir a Lei é aceitar as experiências da vida como oportunidades edu-

cativas, compreendendo que as provas e expiações fazem parte do mecanismo de Justiça e Amor que rege o universo.

Essa compreensão pode ser observada claramente em nosso cotidiano.

Cumprimos a Lei quando, no ambiente profissional, por exemplo, agimos com honestidade mesmo quando ninguém está observando. Quando resistimos à tentação de obter vantagens indevidas, estamos vivendo o espírito da Lei, e não apenas sua letra.

Cumprimos a Lei quando, no trânsito, escolhemos a paciência em vez da agressividade; quando, diante de uma ofensa, preferimos o silêncio construtivo ao revide; quando, em família, substituímos a crítica constante pelo diálogo respeitoso.

Cumprimos a Lei quando praticamos a caridade não apenas através de doações materiais, mas por meio de gestos simples: ouvir alguém com atenção, oferecer uma palavra de consolo, compreender as limitações do outro. Quando somos indulgentes para as imperfeições alheias. Quando perdoamos os deslizes dos outros. Quando oramos pelos que nos perseguem e nos caluniam, por aqueles que não nos tem como simpáticos.

Emmanuel ensina que a caridade começa no pensamento benevolente, continua na palavra equilibrada e se concretiza na ação fraterna.

Também cumprimos a Lei quando aceitamos as dificuldades da vida como instrumentos de crescimento. Uma enfermidade, uma perda financeira ou um conflito afetivo podem ser vistos como injustiças; entretanto, à luz do Espiritismo, são oportunidades de aprendizado e reajuste espiritual. Sempre quando achamos que é uma

injustiça, a Justiça Divina está prevalecendo, podemos crer. Ao enfrentarmos tais situações com fé e serenidade, estamos vivendo a confiança na Justiça Divina.

Jesus demonstrou que toda a Lei se resume na caridade e na vivência do bem incondicional. Ele não combateu a Lei mosaica; antes, revelou seu espírito, libertando-a das interpretações humanas endurecidas pelo orgulho e pelo interesse. Ao perdoar, ao servir, ao amar até o sacrifício, Cristo mostrou que cumprir a Lei é harmonizar-se com a Vontade Divina, mesmo diante da incompreensão e do sofrimento. A flor não exala o perfume para si. O rio não bebe da sua água. A árvore não se apropria do próprio fruto. A natureza nos ensina. Altruísmo natural.

Sob essa visão complementar, o Espiritismo apresenta o Cristo como modelo e guia da Humanidade. Cumprir a Lei, hoje, significa realizar a transformação interior, dominar as más inclinações, praticar o bem silencioso e perseverar na fé raciocinada. Não se trata de destruir tradições ou negar o passado, mas de elevar a compreensão espiritual, transformando a letra em espírito e a norma em amor vivido.

Portanto, “não vim destruir a lei, mas cumpri-la” significa que a missão de Jesus foi revelar o espírito da Lei, libertando-a das interpretações humanas estreitas e conduzindo-a ao seu sentido mais elevado: o Amor como lei suprema da vida. À luz da Doutrina Espírita, cumprir a Lei é participar conscientemente do próprio progresso espiritual, tornando-se instrumento ativo da Justiça e do Amor de Deus no mundo, nas pequenas e grandes decisões de cada dia.